



USP ESALQ – DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Argus

Data: 05/09/2019

Caderno/Link:

<https://direct.argusmedia.com/Security/SignIn?ReturnUrl=%2fNewsAndAnalysis%2fArticle%2f1972448>

Assunto: Cana transgênica ainda é realidade distante

Cana transgênica ainda é realidade distante

Enquanto as culturas de soja e milho apresentam grandes avanços biotecnológicos, a produção em grande escala de plantas geneticamente modificadas na cultura de cana-de-açúcar ainda tem um longo caminho pela frente antes de ser adotada.

O maior marco até agora foi em junho de 2017, quando a Comissão Técnica de Biossegurança (CTNBio) aprovou o uso comercial da primeira cana-de-açúcar geneticamente modificada, a cana Bt (CTC20BT), desenvolvida pelo Centro de Tecnologia Canavieira (CTC). A variedade tem como característica a resistência à broca da cana, principal praga que ameaça a cultura.

Em dezembro do ano passado, a CTNBio publicou a aprovação do uso comercial de uma segunda variação de modificação genética da cana – a CTC9001BT, também resistente à broca da cana. A diferença entre as duas variedades é que a CTC20BT é plantada principalmente em solos mais favoráveis, com maior incidência de chuvas, enquanto a CTC9001BT é indicada para solos mais restritivos.

Estudos do CTC comprovaram que o açúcar e o etanol obtidos a partir das novas variedades são idênticos aos produtos derivados da cana convencional. Estas variedades de cana transgênica, porém, ainda se encontram em multiplicação e, portanto, ainda não existe etanol produzido a partir delas. A entidade está listada na bolsa de valores de São Paulo, B3, e seus maiores acionistas são Raízen Energia (19,03pc), BNDES Participações (18,91pc), Copersucar (16,93pc), São Martinho (5,41pc) e Atvos (4,35pc).

Estudos também comprovaram que tanto o gene Bt quanto a proteína que a planta passa a produzir para combater os insetos na lavoura são completamente eliminados nos derivados de cana-de-açúcar durante o processo de fabricação. O mesmo gene é utilizado há mais de 20 anos nas culturas de soja, milho e algodão. O gene proveniente da bactéria Bt (*Bacillus thuringiensis*) é introduzido no genoma da cana em laboratório, em um processo conhecido como transformação genética. O gene acaba funcionando como inseticida para a broca. Estima-se que as perdas causadas pela broca da cana cheguem a R\$5 bilhões por ano, segundo a CTC.

No caso da cana, porém, outros desafios se desenham. "O mapeamento genético da cana não está tão avançado quanto soja e milho. É uma cultura muito diferente, com um grande desafio tecnológico", disse à Argus o professor do Departamento de Produção Vegetal da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP), Marcos Silveira Bernardes. O especialista apontou que a adoção da planta geneticamente modificada exige cuidados. "A cana e a praga coexistem na natureza há muito tempo. É preciso achar um equilíbrio na adoção de plantas modificadas ou em um curto período de tempo a lagarta também pode desenvolver uma resistência à cana Bt", apontou Bernardes.

Outro fator de dificuldade no avanço biotecnológico é a falta de recursos para pesquisa, especialmente da parte do poder público. Soma-se a isso a forte crise que atingiu o setor sucroenergético, causando um alto número de usinas a pedirem recuperação judicial, o que, em muitos casos, levou a um contingenciamento nos investimentos, especialmente em inovação.

Send comments to feedback@argusmedia.com

[Request more information](#) about Argus' energy and commodity news, data and analysis services.



